

O espírito da bossa nova na economia nacional

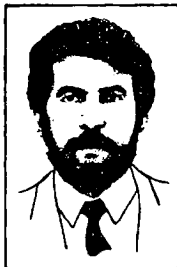
JOSÉ CARLOS DE SOUZA BRAGA

"A bossa nova é a trilha sonora do Brasil que deu certo." Este "achado" do jornalista e escritor Ruy Castro, em comentários sobre seu livro *Chega de Saudade*, dá o que pensar sobre a situação nacional e o debate no Brasil de hoje. Já houve tempo em que o País deu certo. Hoje, recorre-se a analogias desesperadas com outros países.

Já se pensou que o Brasil poderia ser "tigre asiático" como a Coreia do Sul, adotar o "modelo chileno" e, mais recentemente, aderir ao tango, embalado pela experiência de dolarização, momentaneamente exitosa, na Argentina. Eis que a verdade é que nenhum êxito contra processos hiperinflacionários pode ser explicado fora de seus condicionantes históricos específicos. Quase tudo é tão diferente, no tempo e no espaço, que somos deixados a pensar...

Mas, afinal, qual é o País que queremos? Já é hora da consciência de que esta é a pergunta relevante. Deve ser formulada e respondida com urgência pela sociedade. A bossa nova — a música — voltou com toda força nos últimos tempos. É tocada nos rádios, nas televisões, está nos shows ao vivo, é badalada nos jornais, é ouvida por quarentões assim como por adolescentes. Que espírito é esse que há na bossa nova, que reaparece e é tão bem-vindo? Por que essa nostalgia?

Não pode ser pretensão de alguém cujo ofício é a economia responder plenamente a questão tão sutil e complicada. Mas vá lá uma incursão por hipóte-



ses que poderiam ser exploradas por mentes mais treinadas na dialética (ou na metafísica?) do imaginário brasileiro.

Nostalgia é a melancolia produzida no exilado pelas saudades da pátria. É razoável supor que pela bossa nova temos cantado nossas saudades do Brasil; exilados em nosso próprio país. Que saudades são essas?

O espírito da bossa nova é a inovação. Mudança atingindo a base rítmica, a batida do violão, a medida da voz, os acordes, a melodia, a divisão das frases musicais. O jeito bossa nova de fazer música revolucionou tanto que de adjetivo passou a substantivo: bossa nova. A música brasileira pode ser dividida em antes e depois de João Gilberto — ele, como a síntese. E ele está aí mais vivo do que nunca. Estamos com saudade de inovação. É o que parece. Não é apenas saudade das coisas e vivências, especialmente na agradável segunda parte dos anos 50. O objeto da nossa saudade é o espírito que ali se movia e fazia as coisas acontecerem. Logo, não queremos retornar ao passado. Não é esse delírio. Queremos reviver aquele espírito para construir agora.

Pode-se dizer que o Brasil "deu certo" nos anos 50 porque se desenvolveu, criou riqueza, abriu oportunidades sociais e regionais, vitalizou-se democraticamente. Havia inovação, iniciativa, decisão, conversação e empreendimento por toda parte, no público e no privado, no Estado e no mercado, e entre eles. Sem ilusionismos, é claro que problemas havia e, de tão fundos que eram, sua persistência levou à primeira grande crise — 1964 — de nosso "tempo moderno" — industrializado. Grave para nossa História que tenhamos saído daquela crise com a bossa antiga que, concentrando

do poder, renda e riqueza, alimentou o autoritarismo e engendrou um crescimento instável e socialmente injusto.

Eludimos esta herança, nos 70, com "milagre econômico" e ditadura. Nos anos 80 o peso deste passado apareceu e, frente ao mundo em veloz transformação, constatamos, de novo, nosso subdesenvolvimento. Com democracia convalescente e inflação amedrontadora saímos em busca da estabilização monetária. Troçamos de "pacote em pacote" desestruturando a economia em nome da estabilização. Vamos começando os anos 90 sem estabilidade e sem desenvolvimento. Sem moeda, sem crédito e sem recursos governamentais. "Dançam" o emprego e o salário.

Os programas econômicos de estabilização — quer ortodoxos quer heterodoxos — passaram a ser o nome, disfarce, dado à prática pública e privada de adiar a extinção da bossa antiga. Isto é, adiar a desconcentração de poder, de renda e de riqueza. Protelar a transformação no governo, nos partidos, nas empresas, nos sindicatos, nos bancos, na universidade. Manter as velhas formas na estrutura agrária, no crédito, no patrimônio, na dívida externa, na tecnologia, no processo de trabalho, na estrutura salarial, nos tributos.

Para legitimar esta prática, invoca-se tanto o mercado, num momento, quanto, noutro, o iluminismo (e o voluntarismo) tecnocrático. Em nome de primeiro estabilizar, abdica-se de debater e definir qual o País que queremos e, portanto, que tipo de desenvolvimento tem-se que buscar. É assim que o "estabilizacionismo" é a farsa com que se encobre a ausência de inovação econômica, social e política. Com o que se mantém as velhas formas que são determinantes

do próprio fracasso das políticas econômicas de estabilização.

Um programa de estabilização, na condição brasileira atual, requer definição simultânea dos rumos do desenvolvimento. Chega de saudade de um programa econômico que defina a sincronização lógica das medidas de estabilização com uma estratégia de crescimento. Não quer dizer que tudo deva ocorrer no mesmo ponto do tempo, mas que apenas assim são forjadas expectativas, de curto e de longo prazos, compatibilizadoras de estabilidade e desenvolvimento. Acabar com a desafinação entre Estado e mercado, num programa econômico deste tipo, requer, ademais daquela sincronização, um avançado grau de coordenação política por parte do governo.

A trajetória da bossa nova é lisonjeira e sugestiva, quanto à esperança, para a trajetória futura do próprio Brasil. O espírito da bossa nova criou o amor, o sorriso e a flor quando navegar de barquinho era tranquilo. Gerou Opinião, o show, quando a flor tinha que ser armada e Nara Leão cantava — "podem me prender, podem me bater/Podem até deixar-me sem comer que eu não mudo de opinião". Foi para o mundo e alcançou o insólito quando Tom Jobim ensinou a Frank Sinatra a exata medida da voz. Inserção internacional com estilo. É um espírito para muita história e que tomara contamine o País como na poesia de Vinícius de Moraes — "A bossa nova voltou mais uma vez para ficar por toda a vida".

■ José Carlos de Souza Braga é diretor do Instituto de Economia do Setor Público (Iesp) da Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap) e professor do Instituto de Economia da Unicamp.